

QUE ASPECTOS CONSTROEM UMA PROFESSORA RESIDENTE?

Tatiana Ferreira Cabral¹
Bruno Alves Pereira.²

INTRODUÇÃO

O fundamento para a construção deste artigo originou-se das minhas observações feitas em sala de aula, e nas reuniões correspondentes ao projeto Residência Pedagógica, com a finalidade de refletir sobre que aspectos constroem um professor residente, e de que forma estes aspectos se efetivam para tal feito. Visto que este processo de início à docência não se dá de forma isolada, alguns componentes podem ser somados ao ofício individual, da regência, de cada bolsista, tais como: o coordenador do projeto, o preceptor, os outros residentes, os assuntos que são postos para ser ministrados pelo sistema, a orientação do MEC para que a regência seja de 100 horas, e claro, pela minha personalidade docente que venho construindo durante o curso. Cada um com sua peculiaridade docente contribuiu, e ainda contribui, para o meu eu professora.

E baseado nestes atores, que estão inseridos neste contexto, procuro observar de que forma construo o meu ser docente, a partir de um aglomerado de vozes que me auxiliam, de modo positivo e negativo, na minha elaboração enquanto docente residente. Outro fato que objetivo dissertar neste trabalho, assumindo um caráter próprio da instituição onde ministro aulas, uma vez que é uma escola cidadã integral técnica, está relacionado a um dos pilares pedagógicos que a escola se baseia, o protagonismo. Partindo do pressuposto de que a escola é um espaço heterogêneo composto por indivíduos distintos, interesse-me em observar se esse processo de construção do protagonismo atinge a todos os alunos, a partir de suas diferenças. Este meu interesse surgiu quando ministrava aulas no 1º ano do ensino médio, turma A, ao me deparar com a sala de aula mais numerosa daquela série, formados por jovens de personalidades bastante distintas. Deste modo, de forma sistemática, disserto sobre as vozes que são somadas na prática de aula de um residente e, depois, procuro observar sobre o processo do protagonismo voltado aos alunos.

Vozes que perturbam e auxiliam

Neste primeiro aspecto, como já mencionei acima, procuro relatar sobre as companhias pedagógicas que circundam um professor residente. Lembro-me que foi em umas das primeiras reuniões que o coordenador do projeto nos orientou que não estaríamos só, ou seja, muitas vozes iriam nos acompanhar durante este percurso de regência. No primeiro instante, não entendi ao certo o que ele queria dizer, uma vez que precisava estar na prática para interpretar corretamente aquela orientação. Logo, ao iniciar a primeira semana de regência, me deparei com a função de, junto com os outros residentes da ECIT, formular uma sequência didática com os primeiros conteúdos que iríamos ministrar.

Encontro-me compondo um grupo com mais sete vozes e, naquele momento, percebi que estava posta uma discussão na qual eu tinha que falar e ouvir, e por mais fácil que seja escrever isto, não é tão simples praticar. Veja, estou falando de oito personalidades distintas

1 Licencianda no curso de Letras- Português, na Universidade Estadual da Paraíba, tatiana.a_f@hotmail.com

2 Professor orientador, Mestre em Linguagem e Ensino, Universidade Estadual da Paraíba, brunoapcg@bol.com.br

dialogando para compormos um quantitativo de dez primeiras aulas – e para salientar, não estou incluindo o coordenador e o preceptor neste primeiro relato. Cada um com suas experiências advindas de outros projetos me fez perceber que o meu medo não estava me deixando enxergar os pontos em questão: eu não estaria só nessa caminhada, assim como, também, não seria só flores comungar com outras pessoas, uma vez que o ideal seria que todos apresentassem suas respectivas ideias, e juntos, elencássemos as mais coerentes, e assim fizemos. Mas quem aceitaria que suas brilhantes ideias fossem deixadas para outro momento? Como em tão pouco tempo teria eu que deixar meu espírito competitivo, e ver alguns fazerem o mesmo, de lado para aceitar a ideia do outro? Não é fácil, mas preciso, estávamos ali entendendo que em trabalho em grupo não rege só uma voz, ou ao menos é assim que deveríamos pensar.

E nesse exemplo, dentro de tantos outros, em muitos momentos, retornei à primeira orientação sobre as vozes e com afinco internalizei este termo nesta minha experiência, porque no momento em que me inscrevi para entrar na residência tinha consciência de que teria que conviver com diversas pessoas. E na escola é diferente? Não, mas o ponto em questão está no entendimento de que essas vozes vem por todos os lados, e cabe a mim, com toda o engajamento com os demais e a finalidade de ser bom nas minhas tentativas como regente saber balancear e escutar um pouco de cada uma. Mas não é fácil, quando se está no início da regência, o processo de balancear o que se escuta das vozes, e é aí que o preceptor aparece. Com a sua experiência mais vasta e com a função de nos acompanhar no dia a dia das aulas, ele se apresenta com uma outra voz que serve para somar, escutar e dialogar, e então, por estar diariamente comigo nas minhas aulas, fiz dele um primeiro modelo de professor com o qual também estava observando e aprendendo com a sua prática.

Em todas as reuniões, falávamos como tinha sido a aula e elencávamos um ponto positivo e um negativo, inclusive o preceptor já que ele tinha por função observar nossas aulas. Em um desses diálogos feitos na reunião, o mesmo relatou sobre a minha segunda aula observando que eu havia dado muita atenção a um aluno em relação aos demais. Como exemplo, ele usou as palavras de um outro aluno que reclamara da minha pouca atenção com o restante. Sem aprofundar em um possível nervosismo meu por ser minha segunda aula apenas, realizada no dia 02/04/2019, em uma terça-feira, ele me aconselhou a prestar mais atenção na forma como eu distribuo o meu olhar para todos. Assim, durante toda a reunião algo me inquietava sobre esse ponto de vista do preceptor, mas, no entanto, aceitei seu conselho e procurei segui-lo da melhor forma.

Ao fim daquele encontro, fiquei resgatando os momentos em que ministrei a aula em uma tentativa de relembrar o momento em que minha atenção voltava-se somente para um aluno. No entanto, não consegui lembrar. Em contrapartida àquela observação feita pelo preceptor, constatei que dentro da minha pouca experiência e o meu nervosismo por estar no comando de uma sala com vinte e quatro alunos, que já estavam cansados pois era a última aula da tarde, eu não foquei só em aluno. É importante salientar que no início da minha regência eu ia conhecendo os alunos conforme estes fossem participando mais das aulas, uma vez que, durante a rotina, eu iria conhecendo-os melhor.

Então, durante esse íterim sobre a minha angústia por ter internalizado as palavras do preceptor e uma quase certeza interna de que não havia feito isso, eu reprimi o aluno em questão nas aulas subsequentes. Percebi com o tempo, e com um momento em que observei três aulas minhas, que estava o excluindo mesmo que estivesse participando ativamente das aulas. E é nesse íterim que retomo sobre a importância das vozes, e sobre a importância de saber balancear o que é dito sobre a sua prática. Naquele momento, não imaginei tomar outra

decisão contrária a aceitar o que o professor preceptor havia falado, só depois pude analisar e formular minha opinião contrária.

Então, o meu equívoco foi tomar aquilo como verdade absoluta e não entender que o que a minha personalidade como professora residente falava também é de suma importância, e ela sempre me afirmou sobre o equívoco na observação do preceptor. Por isso que é de extrema saber equilibrar estas vozes e interpretá-las para a minha evolução na prática docente, uma vez que as vozes são o retrato de um ponto de vista de cada participante deste contexto, e a minha não é diferente. Mas não só isso, dispomo-nos de um preceptor posto a ajudar e orientar sempre que necessário. O emaranhado desta relação grupal se forma justamente a partir disto: das relações dialógicas e aceitação sobre a opinião do outro, mas nunca fazer disto uma verdade absoluta.

As outras duas vozes, que na minha opinião são mais difíceis e importantes de ser ouvidas, são a de coordenador do projeto e a do Ministério da Educação. Enquanto um traz a responsabilidade de liderar todos os grupos que correspondem à residência pedagógica do Campus VI, o outro nos orienta sobre o quantitativo de horas que temos que reger. Nos momentos de conversas com residentes de outras escolas na cidade Monteiro, percebo o quão trabalhoso é guiar todos os bolsistas, visto que cada escola é um mundo com características próprias, sejam elas positivas ou negativas. Por este motivo, cabe ao orientador equilibrar o tempo disponível com as atividades para ser entregues, além do mais, cabe a este corrigir, orientar, discutir, e se adequar a tantas realidades distintas. É este quem traz consigo a imagem do MEC ao nos dizer que temos que ministrar 100 horas de aula, é nele quem está a confiança de todos residentes, e não seria diferente comigo. Mas, como observei acima, por mais ele esteja na condição de um indivíduo que comanda, a voz dele é tão importante quanto às outras; então, é interessante perceber a contribuição que cada um dispõe na trajetória referida.

Adentrando mais à figura do coordenador, e a contribuição que a sua voz possui, é importante ressaltar que é a ele que tantos residentes expõem suas desanimações com a realidade da educação, e o seu cansaço mediante a pressão que o sistema – MEC – nos impõe. Com o intuito de sempre ouvir uma orientação confortante, já que sua trajetória é bem mais extensa e sua experiência é motivo de confiança para mim, percebo que ele consegue extrair o que se passa em todos os residentes somente pelo semblante.

Confesso sobre a surpresa sobre como seria a residência, não imaginava que iríamos adentrar tanto à realidade das escolas. Para ser mais clara, de início pensei que não iríamos ministrar tantas aulas, e que se assim o fosse, pensei que teríamos mais liberdade para mediar conteúdos que fugissem do que o sistema impõe. E não é fácil de perceber essa característica em mim, de reclamar sobre o porquê que temos que dar conteúdos tão “chatos” e monótonos. Isso ainda é resquício da minha imaginação inicial. E é aí que o coordenador entra mais uma vez, no embate em ouvir tantas reclamações, tantas surpresas sobre o andamento do projeto e saber orientar da melhor forma sobre esta nossa realidade, que por sinal, se tornou muito próximo à realidade da escola. Como expus, sua função não é fácil, mas acredito que ele tenta desempenhar da melhor como todos nós.

Certamente não há como formar bons professores sem que estes não saibam dos dissabores que a profissão traz, e qual profissão são só flores? Acredito que não existe. Por este motivo que este projeto nos inseriu em um contexto exaustivo, porém, real. Portanto, sempre procuro lembrar que as vozes falam, às vezes gritam, em outras calam, mas sempre se manifestam de algum modo. Cabe a nós o modo como iremos escutá-las.

Protagonismo: utopia ou realidade?

Muito ligado ao aspecto anterior, este me chamou bastante atenção neste percurso de regência. O termo protagonismo é refletido de moda direcionado aos jovens há muito tempo. Segundo Souza (2009), o termo protagonismo já era discutido nos anos de 1985 e 1990 pela UNESCO. Adicionalmente, a Escola Cidadã Integral Técnica carrega, em seus objetivos, evidenciar o protagonismo dos alunos. Para constituir e concretizar este pilar nas práticas educativas, a escola dispõe de disciplinas próprias, tais como “Projeto de vida”. Esta disciplina, como o nome já diz, busca trabalhar os projetos que o aluno quer construir ao longo de sua vida. Ou seja, aspectos como autonomia, estabilidade emocional, sociabilidade, capacidade de superar fracassos, curiosidade, perseverança são trabalhados na disciplina. Além disso, são realizados trabalhos sobre a importância do tempo, dos conteúdos aprendidos, dos sonhos obtidos, da família e da perseverança para alcançar os objetivos individuais. Outro feito que busca ativar este protagonismo dos alunos é a disciplina de estudo orientado: no dia de prova, um aluno se encarrega de revisar algum conteúdo para os demais da turma.

Dentre essas questões, fui observando sobre qual local da escola, ou em quais momentos, este protagonismo se efetiva, então interliguei a minha observação ao contexto de sala de aula. Por estar muito inserida neste espaço escolar, presumi a relevância de observá-lo. Então, com o passar das aulas, não percebi de forma intensa a prevalência deste pilar, talvez seja porquê este se efetiva mais em disciplinas específicas, o que, no entanto, deveria estar presente em todos os espaços. Como em todo contexto escolar, me deparei com alunos instigados a aprender e com outros que nem sabiam o motivo de estar ali, e isso com certeza não é característica de um indivíduo protagonista. Outro exemplo, e este é que mais me prendeu nas minhas observações, é o caso de um aluno surdo que não tem intérprete que o auxilie em tempo integral. Ou melhor, segundo o meu preceptor, uma professora se encontra com eles todos os dias e trabalha com ele os conteúdos em um espaço de tempo de mais ou menos uma hora.

Mediado no sentido sobre o protagonismo, é perceptível perceber que neste tempo muita pouca coisa é trabalhada. É evidente que este déficit não depende somente desta professora, mas da articulação de toda a escola para que os professores trabalhem em conjunto em relação a este aluno, mas aí entraríamos em uma problemática da realidade brasileira: o descaso com a educação. Tampouco é minha intenção procurar culpados e apontar o dedo para aqueles que trabalham com este aluno, e com todos os outros, mas questionar se esse protagonismo realmente atinge a todos os alunos. Pelo fato de não dominar a língua de sinais, e eu também não domino, e também não dispor de uma intérprete que ficasse com ele durante toda a aula, senti acuada e quase nada de proposta didática pude fazer para com este aluno.

Mais que um problema da escola, isto é um retrato do déficit que a educação inclusiva sofre nos dias atuais. E enquanto a isto, o problema não se restringe à residência. Em relação aos outros alunos, como proposta de sempre trazer uma aula mais interativa, quero expor uma proposta de aula que realizamos com os alunos. Para uma intervenção de três semanas, escolheríamos um tema, de acordo com o nosso querer, para trabalhar com os alunos. Então, foi escolhida a semana da leitura. Neste tempo, diríamos aos alunos que as aulas seriam voltadas à leitura de qualquer livro que estivesse disponível na biblioteca. Isto servia para evidenciar a importância que a leitura tem na formação de um indivíduo, e também da biblioteca, espaço esquecido ou inexistente em muitos contextos escolares.

Como proposta, ao final da terceira semana, iremos pedir aos alunos para que eles dissertem sobre motivos pelos quais outras pessoas deveriam ler a obra indicada; e assim a corrente de diálogos sobre leitura se forma, entre uma e outra experiência durante a leitura. Sem nenhuma aula voltada às regras gramaticais, o elo entre escola e a prática de ler se efetiva. Ao menos é este o nosso objetivo. E por mais que tenhamos muito a aprender, acredito que esta proposta é sim um ponto que auxilia na construção do protagonismo.

Para concluir, saliento a relevância deste trabalho, uma vez que relato sobre a importância das vozes que constituem esse projeto, e também, falo sobre quão difícil é ouvir vozes que não é a minha. Toda oportunidade de se trabalhar em grupo é um chance de amadurecer as capacidades individuais de conviver com o outro, principalmente quando esse não faz parte dos nossos vínculos de amizade.

E com o encaminhar deste projeto, pude perceber que a minha voz no início da Residência difere desta voz que está relatando agora. Isto se dá pelo fato de que a minha figura docente constitui-se a partir da soma com outras figuras também, ou seja, a minha voz é fruto de todas as outras vozes que convivo neste de professor regente. E qual seria o sentido de trabalhar em grupo sem que pudéssemos extrair do outro algo que nos acrescente? Seria muito egoísmo de minha parte dizer que esta minha experiência se deu isoladamente, as vozes são pontos importantes neste meu percurso.

Há em mim, como professora residente, as felicidades e as perturbações de ouvir. E com isso, me ancorei nelas para observar como se dá o protagonismo na escola em que dou aula. Concluo que a esse segundo aspecto, algumas mudanças precisam ocorrer para que os jovens se tornem, de fato, protagonistas. Porém, o primeiro passo já foi dado e é sob esse aspecto que devemos nos esperar por dias melhores na educação.

REFERÊNCIAS

SOUZA, Regina Magalhães de. Protagonismo Juvenil: o discurso da juventude sem voz. **Revista Brasileira Adolescência e Conflitualidade**, v. 1(1), p. 1-28, 2009.